

Curta-metragem Papel-Máquina: possibilidades didático-pedagógicas na Educação Superior

Rubia Yatsugafu - Universidade Federal do Mato Grosso

Reusmo

Neste trabalho discutiremos algumas possibilidades didático-pedagógicas que o curta-metragem *Papel-Máquina* (2014, 15', direção de Celso Prudente e roteiro de Silas Borges Monteiro) proporciona na formação no nível da Educação Superior a partir das práticas educativas que realizamos como educadores na Universidade Federal de Mato Grosso. O enredo do filme, que subverte o óbvio, o convencional e a mesmice, adquire sentido a partir da relação que os "expectadores" com ele criam, bem como das interações que eles estabelecem entre si, a partir de suas vivências, construindo nexos, relações, interpretações, significados. Para explorar a potência que *Papel-Máquina* pode ter nas salas de aula de cursos de graduação, apoiamo-nos nos pensamentos de autores como Nietzsche, Derrida e Monteiro e, a partir deles, tomamos os textos (seja o curta-metragem, sejam aqueles produzidos pelos estudantes) como disparadores de problemas, como desestabilizadores de pensamentos e modos de pensar, como provocadores de criação de novas formas de pensar, enfim, como arte.

Pesquisar em ciências humanas com o compromisso de ultrapassar concepções positivistas de educação é um desafio aos professores-pesquisadores e às professoras-pesquisadoras. Como lidar com aquilo que não está registrado evidentemente nas linhas? Como trabalhar com aquilo que extravasa o papel ou a tela e diz respeito às vivências das pessoas implicadas na pesquisa? Como assumir-se enquanto criador ou criadora de sentidos? Estas e outras questões se colocam cotidianamente no pesquisar em educação.

Em nosso grupo, o Grupo de Estudos de Filosofia e Formação, ou EFF, temos desenvolvido muitas pesquisas com o intuito de extrapolarmos o óbvio, especialmente nas práticas da pedagogia e da psicologia, cursos que são sediados no Instituto de

Educação. Além das pesquisas – e com elas –, desenvolvemos oficinas, performances e, a partir de 2014, criamos e produzimos filmes de curta-metragem.

Antes de entrarmos no filme *Papel-Máquina*, gostaria de falar um pouco sobre a metodologia de pesquisa que adotamos no EFF: a investigação otobiográfica. Em suas pesquisas, Monteiro (2004, 2007, 2013, 2015) parte do conceito derridiano de otobiografias, compreendendo que as vivências das pessoas podem ser encontradas em seus escritos; para ouvi-las, realiza investigações otobiográficas, nas quais procura pelas vivências de formação presentes nestes textos. A questão que inicialmente movimentou o pesquisador foi uma interrogação deleuziana “o que quer?” e, a partir dela, “o que querem as forças das vivências ao produzir um texto, um escrito, um conceito, uma idéia, uma teoria, uma interpretação etc.?” Ao pesquisador caberia perguntar, então: “Qual é a vida, a vontade, as vivências que são postas em movimento? Quem fala? O que se quer, quando algo é dito?” (MONTEIRO, 2007, p. 478).

Nós, pesquisadores do EFF, em nossos movimentos, temos trabalhado no sentido de superar a pergunta presente no pensamento de Deleuze e compor indagações com o conceito derridiano de otobiografias: como é/seria ouvir? e como a vida é grafada? Para ensaiar respostas a estas interrogações é preciso que o pesquisador aceite o convite para entrar no labirinto da escritura, (algo que me parece) uma espécie de (des)caminho, já que um espaço/tempo de se perder, sem um mapa pré-determinado, para tentar encontrar alguma coisa tendo, para tanto, apenas chaves (conceitos) e ouvidos.

O primeiro gesto otobiográfico de Monteiro em seu doutoramento — a escuta de vivências de nove formandas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso em seus trabalhos de conclusão de curso (“dossiês”), tomou a formação como constituição de si. A partir de sua leitura de *Ecce homo* de Nietzsche, o

pesquisador realizou a escuta das vivências das pedagogas em formação, otobiografando-as em movimento — em vibração — com aquilo que chamou de ressonâncias da Pedagogia, do Curso de Pedagogia da UFMT, da Filosofia e do pesquisador.

A metáfora recriada por Monteiro é aquela que aparece em Nietzsche e é reinventada por Derrida: o ouvido que escuta as vivências. Dois labirintos que se interpenetram: o do ouvido humano e o do mito do Minotauro. Audição: ouvido, escuta, percepção, sentido; interpretação. Escutar, na investigação otobiográfica, “é percorrer o labirinto das significações das forças presentes na produção humana, nos escritos, na autobiografia” (Idem, p. 481). Assim, aos meus ouvidos, investigar é, a partir das vivências que se tem ou teve, dar sentidos, realizar gestos, criar interpretações; traduções.

Traduzimos a investigação otobiográfica inaugurada e a transformamos em gesto cotidiano da prática educativa. Professores-pesquisadores, criamos uma ponte entre didática e investigação otobiográfica, assumindo e imprimindo minhas/nossas ressonâncias em meu/nosso fazer pedagógico ao *otobiografar* (verbo que invenciono) em sala de aula, aceitando o convite de entrar nos textos orais e escritos de alunos e alunas e, neles, ouvir ecos de vivências em labirintos duplos, encontrando/criando/traçando caminhos, com o auxílio de conceitos reinventados a partir da produção teórica de Nietzsche, Derrida, Monteiro (e Monteiro e EFF). No percurso, cabe assumir que os ouvidos que escutam são, por exemplo, de uma pesquisadora (no caso pedagoga, graduanda de Psicologia, mestre em Educação com dissertação em política educacional, doutorado em Línguas Românicas e, atualmente, doutoranda em Educação e professora da pedagogia da UFMT e da especialização em Docência no Ensino Superior da

Univag....). Assim, devido às ressonâncias das vivências de cada um de nós no que ouvimos ou criamos sentido, ao se otobiografar, autobiografa-se, auto/otobiografar-se, auto/otobiocria-se; autografa-se.

Dessa maneira, a minha atividade de professora-pesquisadora, sujeito histórico que se forma em um fluxo de vivências, dá-se a partir do encontro da Pedagogia, da Literatura, da Psicologia e da Filosofia e das (minhas) traduções de conceitos destes campos a partir dos embates travados cotidianamente com a teoria e dos diálogos estabelecidos com meus pares. Assumo que pesquisar, como compreendido por Ghedin e Franco (2015), “é sempre navegar com direção”, mas com cuidado, pois “[c]ontentar-se com a chegada é perder os significados que se vão engendrando nas paisagens multiformes do trajeto” (p. 8-9). Ter direção, deste modo, não significa seguir traçados ou esquemas engessados, mas sim dispor de um método e de uma metodologia de pesquisa que possibilitem ao pesquisador e ao pesquisar perceber, operar, interpretar e criar com e a partir do real. Retorno a palavra aos cientistas: “Produzir conhecimento por meio de uma pesquisa sistemática é criar as possibilidades de interpretar o mundo no seu instante de criação. Ao produzir conhecimento, criamos o mundo, os mundos, as interpretações, os significados, os sentidos e a própria existência de um modo de ser” (p. 13). Retomo a palavra: ao fazê-los, nos fazemos; ao criá-los, nos criamos.

Foi a partir destes movimentos que ousamos filmar.

Foi a partir destes movimentos que nós, educadores e estudantes do Instituto de Educação da UFMT, criamos, filmamos, editamos, produzimos, enfim, fizemos, em 2014 um curta-metragem, nosso segundo curta-metragem juntos, o Papel-Máquina (com direção do professor Dr. Celso Prudente e roteiro do professor Dr. Silas Borges Monteiro).

A partir desta experiência de criação, exploramos sentidos do Papel-Máquina na prática pedagógica na educação superior. Isso porque o enredo do filme, que subverte o óbvio, o convencional e a mesmice, adquire múltiplos sentidos nas relações que os sujeitos ou "expectadores" com ele criam, bem como das interações que eles estabelecem entre si, a partir de suas vivências, construindo nexos, interpretações, significados.

Entretanto, ainda que sentidos sejam propostos/sugeridos/inventados, o que buscamos com maior apetite são as perguntas — quais questões podem orientar percursos repletos de meandros e também de subjetividades, a partir dos quais e nos quais nós construímos coletivamente uma prática pedagógica e, nela/com ela, nos construímos. Assim, a produção de Papel-Máquina é disparadora de problemas; a exibição de papel-Máquina também é disparadora de problemas, pelo menos em todas as instituições, além da UFMT, em que o filme foi exibido tem sido assim: questões desestabilizadoras de pensamentos e de modos de pensar, perguntas provocadoras de criação de novas formas de pensar são trazidas e/ou criadas pelos sujeitos que se deparam e criam com esta linguagem artística.

O filme é para nós um texto e compreendemos que os textos não estão prontos ao serem escritos, pois se constituem no movimento da leitura, ou seja, na empatia, no embate, na luta entre as palavras, as imagens e os sentidos que lhes são dados, entre os sons e a escuta, a partir das possibilidades dos jogos de palavras e de seus leitores; dos textos e dos contextos que somos/temos. Em cada exibição, ecos das vivências dos autores/atores/expectadores ressoaram com repercussões de vivências dos/as educandos/as-educadores/as em formação.

Ora, nas perspectivas de Derrida e Monteiro, são as vivências, a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche, que tornam os objetos do mundo acessíveis, interpretáveis, traduzíveis. Ao assistirmos o filme, colocamos nossas vivências em movimento, em ressonância com os sons que reverberam no ar, o que indica alguma identidade entre o que somos/estamos sendo, afinal, a partir ainda do pensamento de Nietzsche, “ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe”, pois “[p]ara aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido” (1995, p. 53). Assim, nossos exercícios de cinema foram disparadores que trouxeram as nossas vivências e as colocaram a ressoar com os conteúdos da prática educativa, resgatando-as e recriando-as e, a partir disso, ampliando nossos repertórios e nossas capacidades de escuta.

Além disso, as possíveis leituras de um texto dependem das regras de seu jogo; dependem do *phármakon* (DERRIDA, 2005). Ler, no jogo derridiano contém em si um gesto de escritura, pois escrita e leitura são cosidas e descosidas, tendo sempre algo de quem escreve e algo de quem lê (YATSUGAFU, 2015). O jogo da escritura se dá no jogo da vida — na vida inaugurada em Nietzsche: pulsante e pululante (2008). A escritura é vida e *phármakon*.

Pensando ainda na escritura, vem-me à mente um trabalho escrito por Monteiro e por mim (2014) no qual trouxemos a possibilidade dos sujeitos, na prática pedagógica, descobrirem, desenvolverem, potencializarem os autores dentro de si, incorporando os ecos de suas vozes ao conjunto de vozes/ecos que as precedem e as sucedem. Destarte, é urgente renovar/revitalizar/(trans)criar os elementos do currículo e, ao fazê-lo, revigorar nossas práticas e (trans)criar também a nós mesmos; deformar-nos, desconformar-nos, transformar-nos; formar-nos em meio à vida.

Nesse processo de formação, currículo e didática representam limites e possibilidades; reprodução, desafio e (re)criação de conteúdos, arte, formação, vida...

Finalizo esta comunicação com um interlúdio: um entre — entreato, interregno. Lidar com textos e escuta otobiográfica implica em assumir que as possibilidades de criação de sentidos são múltiplas e provisórias, pois se constroem no jogo próprio da escritura. A partir da analítica da execução e exibição do filme, encontramos, assim como nas demais atividades de pesquisa que desenvolvemos no/com o Grupo EFF, rastros/traços de vivências dos sujeitos, no caso educandos/as, educadores/as em formação inicial e/ou continuada.

Destarte, este texto é uma tentativa de compartilhar o ensaio de gestos otobiográficos de uma professora-pesquisadora e um professor-pesquisador que procuram convidar seus alunos e suas alunas a saírem da “mesmice”, a se arriscarem, a se aventurem, assumindo o risco da criação e da frustração como potências próprias da formação — formação em meio à vida.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** (1. ed.). Porto Alegre, RS: UFRGS; Doisa, 2013.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Tradução Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. **Essa estranha instituição chamada literatura**: Uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. Introdução. In: Selma Garrido Pimenta; Evandro Ghedin; Maria Amélia Santoro Franco. (Org.). **Pesquisa em**

educação. Alternativas investigativas com objetos complexos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015, v. 1, p. 7-24.

MONTEIRO, Silas Borges. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. **Educação e Pesquisa**, 33(3), 471-484, 2007.

_____. **Quando a pedagogia forma professores**: uma investigação otobiográfica. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2013.

_____. **Quando a Pedagogia forma professores**. Uma investigação otobiográfica. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2004.

_____. Para além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica. In: Selma Garrido Pimenta; Evandro Ghedin; Maria Amélia Santoro Franco. (Org.). **Pesquisa em educação**. Alternativas investigativas com objetos complexos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015, v. 1, p. 93-116.

_____; YATSUGAFU, Rubia Napolini. Formação de professores: currículo, didática, vivências. **Anais do VII Colóquio Luso Brasileiro Sobre questões curriculares / XI Colóquio Sobre questões curriculares / I Colóquio Luso Brasileiro sobre questões curriculares**. Braga, Portugal: Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 2014, p. 3705-08.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres volume II. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

YATSUGAFU, Rubia Napolini. Literatura Brasileira na Educação Superior: Notas de uma professora-pesquisadora. **Anais SemiEdu 2015**: Educação e seus sentidos no mundo digital. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2015, p. 3797-3804.